

*A Demografia e a Estratégia: uma prospectiva para o Século XXI**



Tenente-Coronel João Jorge B. Vieira Borges**

*"Não existe maior riqueza, nem maior
 força do que os homens."*

Jean Bodin

A – Introdução

A "Ordem de Yalta", caracterizada pela Guerra Fria entre as duas superpotências, EUA e URSS, pela "guerra improvável e paz impossível" de Raymond Aron¹, foi o período de excelência da Estratégia da Dissuasão, em que esta buscava essencialmente as melhores formas da não-guerra e a gestão das situações de crise. Era, apesar de tudo, uma Ordem estável, pois conheciam-se as ameaças, avaliavam-se os riscos, mediam-se as forças e previam-se as reacções. A população, como factor de poder, perdeu então a sua importância ancestral, devido ao "equilíbrio de terror" proporcionado pela bomba nuclear.

* Versão adaptada da lição inaugural proferida na cerimónia de abertura solene do ano lectivo de 1998/99 da Academia Militar (21Out98). Em 04Mar99 foi proferida conferência sobre o mesmo tema na Sociedade de Geografia de Lisboa.

** Da Arma de Artilharia, com Curso de Estado-Maior (IAEM, 1993/94) e Mestrado em Estratégia (ICSP, 1996). É Professor da Academia Militar, sendo regente das cadeiras de Relações Internacionais, Elementos de Estratégia e Geografia Militar e coordenador do Grupo Disciplinar de Comando e Estratégia Militar.

¹ Ver em Raymond Aron, Paz e Guerra entre as Nações, Editora Universidade de Brasília, 2ª Ed., 1983.

A queda do Muro de Berlim, ocorrida em 9Nov1989, marcou simbolicamente o fim dessa Ordem, e passámos, desde então, a viver num período acelerado de transição, para aquilo que poderá vir a ser uma Nova Ordem Internacional, mas que, entretanto, não é mais do que uma "Desordem Mundial" ou, como lhe chama Gérard Chaliand, uma "*Seira das Nações*"². Em termos da natureza e concepção política dos Estados, passámos a viver num "sistema homogéneo", em que a maioria das unidades políticas "cultiva" a democracia tipo ocidental e a economia de mercado, num sistema político internacional "unipolar de hegemonia não arrogante"³, protagonizado pelos EUA, a caminho de um sistema multipolar, mas com um peso substancialmente maior dos restantes actores internacionais, com destaque para as Organizações Internacionais, para as Pessoas Colectivas não Estaduais e para as Pessoas Singulares⁴. Nesta transição, caracterizável como da idade das redes, onde tudo se cruza, destacamos alguns elementos geradores de tensão: a grande velocidade e complexidade das mudanças; as tensões sociais e conflitos regionais de média e baixa intensidade (motivados por razões de ordem territorial, étnica, política e religiosa) especialmente nas instáveis zonas do Sul; o crescimento em número e importância das operações de apoio à paz; o crescimento das ameaças globais, como o terrorismo internacional e a proliferação de armas de destruição maciça, ou outras não essencialmente militares como a droga, e a degradação do ambiente; a expansão dos meios de comunicação de massas, com a ruptura do monopólio estatal da informação e a penetração das fronteiras nacionais e pessoais; a globalização das relações, dos acontecimentos e dos problemas; o aparecimento de tendências supranacionais que podem conduzir à formação de novas unidades políticas mais vastas (grandes espaços);

2 Gérard, Chaliand, *Atlas Strategique*, Editions Complexe. Paris, 1994, p.11.

3 Depoimento do General Cabral Couto nas suas lições do Mestrado em Estratégia no ISCSP.

4 A este respeito, recordemos a "lei da complexidade crescente da vida internacional", enunciada pelo Prof. Doutor Adriano Moreira, na linha do pensamento de Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), a qual comporta dois princípios essenciais: o princípio da dispersão, que diz respeito à multiplicação dos centros de decisão, públicos e privados; e o princípio da convergência, que corresponde ao aumento qualitativo e quantitativo das relações entre aqueles centros (Cfr. Adriano Moreira, *Ciência Política*, reimp., Coimbra, Livraria Almedina, 1992, p. 405).

a crise das ideologias e o renascer dos fundamentalismos; e a explosão demográfica, com a consequente urbanização e o acentuar das diferenças entre os mais ricos e os mais pobres. Na prática, os novos fluxos transnacionais – económicos, culturais, humanos e tecnológicos – que escapam, em maior ou menor grau, ao controlo dos Estados, contribuem para volatilidade, incerteza e insegurança do actual Sistema Político Internacional, e para a necessidade de repensar novas noções, como as de Fronteira, Nação e Soberania, e novos valores, como o de Família, Segurança e Ética, e para aquilo que Poirier designa de “crise dos fundamentos” da Estratégia e mesmo da Política.

Com este enquadramento do Sistema Político Internacional, torna-se difícil prospectar⁵ o século XXI, o qual será fundamentalmente analisado até ao ano 2025, enquadramento importante numa prospectiva da relação entre a Demografia e a Estratégia. Entre os vários cenários do futuro Sistema Internacional⁶ optámos pelo equilíbrio das potências, defendido como mais provável por Henry Kissinger: “O sistema internacional do século XXI será caracterizado por uma aparente contradição: por um lado, fragmentação; por outro, globalização crescente. Ao nível das relações entre Estados, a nova ordem aproximar-se-á mais do sistema europeu de Estados dos séculos XVIII e XIX do que do modelo rígido da Guerra Fria. Incluirá, pelo menos, seis potências: os EUA, a Europa, a China, o Japão, a Rússia e, provavelmente, a Índia, bem como uma multiplicidade de países de tamanho médio e mais pequenos...”⁷.

O crescimento populacional que se tem desenvolvido nos últimos anos, de 1,6 para 6 biliões de habitantes só neste século, e o que se prevê para os próximos anos, cerca de 9,4 biliões em 2050⁸, a um ritmo diferente nas grandes regiões do globo, criará uma heterogeneidade demográfica tal, que poderá alterar, durante o século XXI, as relações

5 Segundo Michael Godet, consiste em não encarar o futuro apenas como o prolongamento do passado, dado que é cada vez mais múltiplo e indeterminado. Tudo age sobre tudo, nada mais é igual em parte nenhuma e impõe-se uma visão global. A prospectiva milita a favor dessa previsão global, quantitativa e múltipla em futuro incerto.

6 Ver Luís Moita, “Evolução do Sistema Internacional” in Ianus 98, suplemento especial, p.18-19.

7 Henry Kissinger, Diplomacia, p.17.

8 Nações Unidas, A Situação da População Mundial – 1998, FNUAP, Nova York, 2Set1998.

de poder ao nível das relações internacionais e as posições relativas dos países. A preocupação com este crescimento da população mundial, que tem como referência histórica o “Ensaio sobre o Princípio da População”, de Thomas Robert Malthus⁹, voltou a renascer neste século, como atestam as diferentes conferências mundiais sobre população, realizadas sobre os auspícios da ONU, em Bucareste (1974), no México (1984), no Rio de Janeiro (1992) e no Cairo (1994). O objectivo final destas conferências centrou-se invariavelmente na “busca do equilíbrio entre a população e os recursos e entre a protecção do ambiente e o desenvolvimento económico”. Questões como o envelhecimento médio da população dos países desenvolvidos, o aumento “explosivo” da população em países subdesenvolvidos, a degradação do ambiente e a alteração do equilíbrio da dependência, a crescente concentração da população mundial em áreas urbanas e a nova geopolítica demográfica¹⁰, que divide a “Cidade Global”¹¹ em duas partes distintas, serão origem provável de novos factores de conflito no século XXI.

Segundo Hervé Le Brás¹², “O demónio Demográfico substituiu o Demónio Atómico” após a queda do muro de Berlim. Não tendo uma postura tão drástica ou redutora, abordaremos, de seguida, as consequências para a Estratégia da evolução demográfica prevista pelas NU para o século XXI, nas seguintes perspectivas:

- A Demografia como “**Instrumento**” da Estratégia;
- A Demografia como “**Objecto**” da Estratégia;
- A Demografia como “**Explosor**” da Estratégia;
- Da importância do estudo da “**Estratégia Demográfica**”.

9 Publicado em 1798, era manifestamente contra a tendência multiplicativa da raça humana, com a base de que a terra, ao contrário das pessoas, não se podia multiplicar. Concluiu que a divergência irreconciliável entre as bocas e o alimento só pode ter um resultado: a maioria da humanidade viveria sempre presa à miséria.

10 Ver Óscar Soares Barata, “A nova Geopolítica Demográfica”, in Anais do ISNG, Nov96, p. 11.

11 Onde todos se preocupam (teoricamente) com todos, mas onde poucos assumem uma postura activa na resolução dos problemas.

12 De leitura obrigatória a sua obra intitulada Os Limites do Planeta: Mitos da Natureza e da População.

B – A Democracia como “Instrumento” da Estratégia

A **Demografia**, sendo uma resposta científica a um conjunto de questões relacionadas com a descrição da população humana, para além da normal observação, medição e descrição, passou, nos últimos anos, a explicar as causas e consequências das variações demográficas.

Actualmente, as diferentes “Demografias” são normalmente agrupadas em seis áreas disciplinares: a Análise Demográfica, as Projeções Demográficas e a Prospectiva, a Demografia Histórica, a Demografia Social, as Políticas Demográficas e a Ecologia Humana. Como ciência social instrumental, de reflexão e acção, possui a rara qualidade de, como a ciência social mais exacta, fornecer um guião de “leitura” do futuro.

E o futuro passa pela **Estratégia**, que, como “ciência e arte de desenvolver e utilizar as forças morais e materiais (nas quais se inclui o factor humano) de uma unidade política ou coligação, a fim de se atingirem objectivos políticos que suscitem ou possam suscitar, a hostilidade de uma outra vontade política”¹³, utiliza o “instrumento Demografia”, a dois níveis:

- nos estudos do potencial estratégico;
- nos estudos do poder nacional.

1. A Demografia nos Estudos do Potencial Estratégico

Para Raymond Aron, o factor humano engloba o número de homens e a arte de transformá-los em soldados, enquanto que, para a maioria dos geopolíticos, como Ratzel, Kjellen, Haushofer, MacKinder e Spykman, a população e os espaços constituem os mais importantes factores de poder na relação de forças mundial.

Mas, para a Estratégia, o valor da população não se resume ao núcleo do potencial humano utilizável na guerra. Sendo o Potencial Estratégico ou de Guerra de uma unidade política, definido, normalmente, como o conjunto de todas as forças, morais e materiais, que pode

¹³ Abel Cabral Couto, Elementos de Estratégia, p. 209.

utilizar em apoio da sua Estratégia, o seu conceito traduz, na realidade, a sua força.

A sua avaliação inclui, entre outros factores (físico, recursos naturais e comunicações, histórico-económico, sócio-cultural, científico-tecnológico, político-administrativo e militar), o factor humano, normalmente dividido em quantidade (efectivos, distribuição geográfica e densidades, taxas de natalidade, de mortalidade e de crescimento, migrações), estrutura (grupos etários e distribuição por sexos, população urbana e rural, grupos de habilitações literárias, principais grupos profissionais, grupos étnicos, religiosos, linguísticos, fronteiras étnicas) e características físicas, morais e intelectuais (estado sanitário, resistência física e rusticidade, patriotismo, crenças e motivações, elites e correntes de opinião, adaptabilidade, coesão).

As conclusões gerais do estudo do Potencial Estratégico duma Unidade Política/Região, indicam, normalmente, os factores de coesão e dissociação, as zonas de potencial estratégico, as principais potencialidades (e as que podem ser expandidas) e vulnerabilidades (e as que podem ser corrigidas). É então fundamental a análise dos meios humanos recrutáveis, quer em termos de quantidade, quer em termos de qualidade. Como refere Adriano Moreira "Uma larga população permite o recrutamento de quadros necessários e o florescimento de iniciativas indispensáveis para promover a capacidade industrial, mobilizar os recursos naturais, dar conteúdo ao braço militar. No entanto, o factor quantitativo tem de ser complementado pelo qualitativo que se traduz em preparação técnica, desenvolvimento social e político, produtividade, coordenação entre recursos humanos e naturais¹⁴".

Como exemplo, dum possível estudo do potencial estratégico de Portugal, poderemos identificar como potencialidades, a homogeneidade cultural e religiosa e a mais valia da diáspora (cerca de 4 milhões de portugueses espalhados pelo Mundo), e como vulnerabilidades, as concentrações populacionais nas áreas de Lisboa e Porto e o envelhecimento crescente da população.

Este "instrumento", apesar de teórico, e de não considerar normalmente os aspectos subjectivos, é fundamental para o decisor político e para o estratega.

14 Adriano Moreira, Teoria das Relações Internacionais, p. 204.

2. A Demografia nos Estudos do Poder Nacional

O Poder Nacional, sendo a revelação da força em circunstâncias e com vista a objectivos determinados, apresenta-se mais difícil de calcular que o potencial estratégico, sendo sempre menor do que aquele, em face dos vários factores de degradação.

Como exemplo mais conhecido do seu cálculo teórico, destacamos a “equação do Poder de Cline”¹⁵, dominada, em grande parte, pela capacidade militar e, em especial, pelo nuclear, mas que inclui a população na massa crítica, como determinante do seguinte agrupamento dos vários Estados (relativo a 1975):

- 50 (pontos)/China-Índia-URSS-EUA (mais de 200 milhões);
- 45/Indonésia-Japão-Brasil-Paquistão-Nigéria-Bangladesh (entre 100 e 200 milhões);
- 40/México-Alemanha-França-Itália-Vietnam...(entre 50 e 100 milhões);
- 30/...(entre 35 e 50 milhões).

A hierarquia de Estados, que obteve em termos do Poder Nacional global (URSS, EUA, RFA, Japão, Irão, Brasil, China, França, Inglaterra, Indonésia...), levou-o a concluir que a maioria das potências mundiais incluíam populações acima de 50 milhões de habitantes.

Tendo como referência a posição de Hans Morgenthau, de que **“se não é justificável considerar um País como poderoso, pelo facto de dispor de uma população superior à maioria, é pelo menos verdade que nenhum País pode vir a ser uma grande potência se não estiver entre os mais populosos do Mundo”**¹⁶, e ao considerarmos os dados relativos a 1998-2025, de população e do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (Figura 1), constatamos que, dos 5 países representados actualmente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (afinal os países com poder “formal” em termos das Relações Internacionais), somente os EUA conseguem algum equilíbrio em termos de população e de desenvolvimento humano. A França e o

15 $P=(C+E+M) \times (S+W)$, em que: C, é a massa crítica; E, é a capacidade económica; M, a capacidade Militar; S, a Estratégia nacional; W, o valor da vontade nacional (Fonte: General Cabral Couto. Elementos de Estratégia, IAEM, Vol. I, p.249).

16 Sam C. Sarkesian, The demographic component of Strategy, p. 551.

Reino Unido, com taxas de crescimento negativas e uma população inferior aos 60 milhões, serão ultrapassados nos próximos anos, em termos demográficos, por inúmeros países, especialmente africanos e asiáticos, apesar dos seus elevados IDH.

A China, como o país mais populoso do mundo, tem problemas ao nível dos recursos, da educação e da produtividade, apesar de ter baixado consideravelmente as suas taxas de crescimento nos últimos anos¹⁷.

À implosão da URSS sucedeu uma Federação Russa com menor expressão demográfica e com taxas de crescimento baixas¹⁸ mas que continuará a constituir um bloco continental (Heartland dos geopolíticos) diferenciado.

Será difícil prever que os países demograficamente minoritários, continuem a deter o poder do Mundo no século XXI, quando assistirmos, em 2025, à relação de 6 chineses, indianos ou asiáticos, para 2 africanos, 1 latino-americano e 1 Europeu-Russo ou Americano.

Associando os países possuidores de armas nucleares aos que dispõem de população elevada, poderemos vir a encontrar, no século XXI, novas candidaturas ao CS, por parte da Índia e do Brasil e mesmo por parte da África do Sul (População de 44,3 98 – 71,6/2025). A China e a Índia (que, de acordo com as NU, ultrapassará a população da China em 2050), com mais de 38% da população mundial, serão quase indiscutíveis no novo assento mundial. A prospectiva de Kissinger¹⁹ relativamente à UE, levará ao desaparecimento dos actuais dois representantes, em proveito de uma nova Europa, como representante de mais de 700 milhões de habitantes.

Mas outros factores de poder²⁰ terão a sua influência, provavelmente no sentido de garantir os lugares adquiridos e de criar novos lugares a representantes dos continentes (em que a população terá um peso relevante) e a países com elevado IDH, como o Japão ou a Alemanha, numa solução de compromisso necessariamente difícil²¹, mas em que as potências com pouca população terão mais dificuldade em se impor.

17 De acordo com os dados das NU relativos a 1998, a China apresenta uma taxa média de crescimento demográfico (% para 1995-2000) de 0,9%.

18 De acordo com os dados das NU relativos a 1998, a Federação Russa apresenta uma taxa média de crescimento demográfico (% para 1995-2000) negativa de 0,3%.

19 Ver Diplomacia, p.8.

20 Como o económico, a educação e a capacidade militar...

21 A este respeito, ver artigo do General Loureiro dos Santos, intitulado "Protagonismo da ONU na Segurança Mundial", in Segurança Europeia e Mundial, IDN, Lisboa, 1995.

Com o final da Guerra Fria, e a generalização da civilização ocidental²², das armas de destruição maciça, e a evolução rápida da população mundial, a Demografia aumentará a sua importância relativa como factor de poder no século XXI. A própria evolução demográfica, alterando a posição relativa dos Estados, e o novo mapa geopolítico do Mundo, poderá levar, mais cedo ou mais tarde, à tão esperada alteração dos membros permanentes do CS/NU, no âmbito da reestruturação daquela organização internacional, e no sentido de uma maior legitimidade aos olhos da comunidade internacional que ainda a vê como o retrato dos vencedores de Yalta.

C – A Demografia como “Objecto” da Estratégia

O *objecto da Estratégia* é a coacção, entendida como situação de facto e situação possível²³. Apesar da evolução do Sistema Político Internacional e da mutação do conceito de Estratégia, para um âmbito mais global, o objecto da Estratégia continuará a consistir numa luta em que uma vontade procura, servindo qualquer interesse, vencer outra vontade antagonista. Sem inimigo ou opositor, real ou potencial, nunca houve nem haverá Estratégia. O “jogo” da Estratégia, centrado nos Meios, no Objectivo a alcançar e na Oposição à concretização desses objectivos, continuará, no próximo século, a tratar do desenvolvimento da força, na qual o factor humano reforçará o seu peso, apesar da evolução tecnológica global.

Os *Estudos da Situação Estratégica* consistem numa análise dos factores de decisão²⁴ e, a partir daquela, na formulação de possíveis modalidades de acção e na sua análise e discussão, com vista a uma decisão fundamentada e traduzida na escolha de uma das modalidades consideradas.

22 Esta a visão, naturalmente redutora, de um espectador ocidental...

23 Abel Cabral Couto, *Elementos de Estratégia*, Vol I, p. 209.

24 O Objectivo político-estratégico a alcançar (missão); as características do ambiente operacional; os potenciais estratégicos dos adversários, suas possibilidades e vulnerabilidades; o tempo (prazos).

1998	1998	1998	IDH	2025	2025
PAÍS	População (Milhões)	Área (Mkm2)	(Entre 174 Países)	PAÍS	População (milhões)
<u>China</u>	1,255.1	9596.9	106	<u>China</u>	1.480.4
Índia	975,8	3287.5	139	Índia	1,330.2
<u>EUA</u>	273.8	9363.1	4	<u>EUA</u>	332.5
Indonésia	206,5	1913.0	96	Indonésia	275.2
Brasil	165,2	8511.9	62	Paquistão	268.9
Paquistão	147,8	803.9	138	Nigéria	238.4
<u>Rússia</u>	147.2	17075.4	72	Brasil	216.6
Japão	125,9	377.7	8	Bangladesh	180
Bangladesh	124	143.9	147	Etiópia	136.3
Nigéria	121,8	923.7	142	<u>Rússia</u>	131.4
...				...	
<u>França</u>	58,7	547.0	2	<u>França</u>	60.4
<u>Reino Unido</u>	58,2	244.0	14	<u>Reino Unido</u>	59,5

Figura 1 – Países mais populosos do Mundo, em 1998 (com IDH e Área) e 2025 (sublinhados os países representados no CS da ONU) (Fonte: L'Etat Du Monde 98)

No final de qualquer estudo da situação estratégica, propõe-se, normalmente, uma modalidade de acção²⁵, traduzida num conceito de acção estratégica, em missões concretas às Estratégias gerais e nos condicionamentos a observar.

A população, desde que destacada nas potencialidades ou vulnerabilidades de uma das partes, pode então ser utilizada como instrumento específico para se atingirem os objectivos políticos superiormente definidos. Conquistar populações ou destruir populações, continuará a ser um dos objectivos possíveis da Estratégia, independentemente da

25 Analisada fundamentalmente em relação a três factores: liberdade de acção; relação de forças; importância do objectivo.

evolução dos valores, dos tipos de conflitos e das guerras e da hierarquia relativamente à Política.

No século XXI, que será dominado por significativas alterações demográficas a nível mundial e pela “Estratégia da Previsão”, a Demografia aumentará, assim, o seu peso como instrumento da Política e, necessariamente, da Estratégia. Haverá então a necessidade crescente de uma visão demográfica da Estratégia para melhor e mais atempadamente apoiar as também crescentes “políticas demográficas”, no sentido de atingirem os objectivos políticos, importantes ou vitais, das diferentes unidades políticas.

D – A Demografia como “Explosor” da Estratégia

Apesar de alguns cientistas, como Myron Weiner, observarem que “...não é evidente sugerir que o crescimento da população considerado isoladamente pode explicar a instabilidade, a violência, o comportamento agressivo e os movimentos políticos radicais”²⁶, outros há, como Gaston Bouthoul²⁷, que advogam o crescimento da população como fundamento da guerra, e como explicação para muitas das sublevações históricas mais conhecidas, desde o forte impulso dos Vikings para o exterior, à expansão da Inglaterra de Isabel I, passando pela Revolução Francesa, até à “Weltpolitik” de Guilherme I.

O crescimento da população mundial, terá, na nossa perspectiva, entre outras consequências, o aumento de factores de conflito, natural “explosor” da Estratégia que analisaremos de seguida a dois níveis diferentes: o nível global do planeta e o nível regional, entre os países industrializados do Norte e os países subdesenvolvidos do Sul.

Ao caracterizarmos cada nível, identificaremos as tendências de evolução da população, os factores de conflito inerentes e as políticas e Estratégias a adoptar para resolução dos mesmos.

26 Foster, Gregory, Global Demographic Trends to the Year 2010, pág23.

27 Ver. O Fenómeno Guerra Tishon 1966

1. Soluções Globais para Problemas Globais

Com um crescimento da população mundial de cerca de 80 milhões de pessoas por ano, o planeta atingirá os 6 bilhões em 1999, prevendo-se para 2050, cerca de 9,4 bilhões de habitantes, dos quais cerca de 8 bilhões nos países em desenvolvimento. De acordo com as NU²⁸, a população do planeta duplicou por quatro vezes na nossa era; a primeira vez, em quinze séculos, de 300 milhões no tempo de Jesus Cristo, para 600 milhões em 1500; a segunda vez, em menos de quatro séculos, com 1,2 bilhões no início do século XIX; a terceira vez, em menos de um século, com 2,5 bilhões em 1950; e a quarta vez, em trinta e sete anos, com 5 bilhões em 1987. A próxima duplicação (10 bilhões), está prevista para daqui a cerca de 60 anos, o que, denotando melhorias relativamente aos anos da explosão demográfica, continua a constituir uma preocupação pelo crescente número absoluto da população mundial.

Apesar das taxas de crescimento demográfico mais baixas²⁹ – em 1998 a taxa de crescimento global baixou para 1,4%, prevendo-se uma taxa de crescimento de 1,2% para o período 1995-2015 – o aumento da população mundial em termos absolutos continua, em especial nas regiões menos desenvolvidas, em consequência da fecundidade do passado.

Com o crescente número da população mundial, e apesar da densidade populacional ainda não ter ultrapassado os 40h/Km² (excluindo a Antárctida), o número de homens que podem ser mantidos sem reduzir irreversivelmente a capacidade de os sustentar no futuro³⁰, recomeça a ser equacionado. Mas, dos ancestrais conceitos de “**Mundo Cheio**” e de “**Ideal de População**”, ao actual “**limite de população**”, na perspectiva da ONU, *o desafio do homem estará sobretudo centrado, na tradicional busca do equilíbrio entre população e recursos e da nova relação entre a protecção do ambiente e o desenvolvimento económico*. Este problema velho (o “Mundo Cheio” já foi equacionado por quatro vezes ao longo da história da humanidade³¹) tem, no entanto, novas

28 *A Situação da População Mundial – 1998*, FNUAP, New York. 02Set98.

29 Devido ao aumento do índice de natalidade, mas também ao aumento gradual da esperança de vida e à notável redução do valor da mortalidade infantil, naturais consequências do progresso económico e medicamental, e do apoio que a partir da conferência do Cairo (1994) os países pobres passaram a receber verbas consideráveis dos países ricos para o financiamento dos seus programas populacionais.

30 Hervé le Bras, *Os Limites do Planeta*, p. 13-14.

vertentes. E estas não estarão exclusivamente ligadas à visão dos Malthusianos mas também às dos mais optimistas como Esther Boserup e Alfred Sauvy³², que advogam que a produção alimentar se ajusta ao crescimento demográfico (tese da pressão criadora).

Numa perspectiva mais global das consequências da evolução demográfica, estão a **degradação do ambiente e a deterioração do equilíbrio da dependência**. Entre as "Ameaças Globais"³³ que limitam a continuidade da vida do planeta estão, entre outras: a poluição do ar e do mar, os crescentes resíduos domésticos e industriais, a degradação e desertificação dos solos, a desflorestação, a perda de biodiversidade, a chuva ácida, os incêndios florestais, a queima do combustível fóssil, a secagem dos pântanos, o aquecimento global, e o desaparecimento da camada do ozono.

"A degradação ambiental, embora não seja, em si mesma, uma causa de conflitos violentos, pode ter o efeito de exacerbar ou acrescentar novas dimensões aos conflitos violentos"³⁴ em especial com a utilização das novas armas ambientais (destruição de barragens, incêndio de campos de petróleo no Golfo em 1991), pelo que se torna fundamental educar os jovens e provocar uma nova "Revolução Verde".

Desde a última conferência do Cairo, que existe por parte da comunidade internacional, uma acção colectiva, no sentido de "Pensar globalmente e Actuar localmente"³⁵. Neste caso, e porque as ameaças não são provenientes de uma vontade consciente, só existem políticas demográficas, não havendo lugar para a Estratégia, no âmbito do seu conceito tradicional.

Outra preocupação global (apesar dos contornos diferentes em regiões do Norte e do Sul) diz respeito à tendência crescente para a **urbanização**³⁶, que tem levado a consequências negativas em termos

31 Ver J. Manuel Nazareth, Introdução à Demografia, pg 18-47.

32 Ver, Théorie Générale de la Population, Paris. 1986.

33 Segundo o General Cabral Couto, ameaça é qualquer acontecimento ou acção (em curso ou previsível) que contraria a consecução de um objectivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais ou morais.

34 Luís Veiga da Cunha, Segurança Ambiental, in Janus 98, suplemento especial, p. 28.

35 Ver Oscar Soares Barata, A Conferência do Cairo sobre População e Desenvolvimento, 1996.

36 A população da cidade ideal de Platão era de 60000 habitantes. As grandes cidades em 1800: Londres com 948000, Paris com 550000, Nápoles com 430000 e Lisboa em 9ª, com 195000. As grandes cidades em 1913: Londres com 7,3M, Paris com 4,85M, Berlim com 4. Lisboa em 31ª com 580000 pessoas.

da qualidade de vida em geral e ao (re)aparecimento de novos factores de conflitualidade.

De acordo com os dados do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP-1998), 45% da população mundial é urbana, variando os valores entre os 75% nas regiões mais desenvolvidas, os 38% nas pouco desenvolvidas, e os 22% nos países menos desenvolvidos. Na primeira década do próximo século, mais de 50% da população mundial viverá em áreas urbanas, especialmente no Sul, quando em 1950, a taxa de urbanização era de 29%. Em 1995, 17 megacidades ultrapassavam já os 10 milhões de habitantes, número que ultrapassará as 25 no ano 2015 (7 cidades com mais de 19 milhões de habitantes!), a grande maioria das quais nos países menos desenvolvidos (figura 2).

A urbanização, que tem o incentivo das melhores capacidades produtivas, da melhor organização e conhecimento, e do maior sentimento de liberdade e lazer, leva ao crescendo das necessidades em termos de educação, saúde, emprego e de toda uma variedade de serviços (água, saneamento, energia), e, normalmente, ao aumento do número de bairros degradados³⁷, da criminalidade organizada, da droga, do terrorismo e de outros conflitos sociais resultantes das crescentes diferenças entre ricos e pobres e entre valores das diferentes civilizações (importância dos conflitos inter-étnicos), criando verdadeiros guetos (as colónias interiores do Prof. Doutor Adriano Moreira, que surgem, normalmente, como contra-sociedades³⁸) e linhas de fronteira. Estas consequências, que se agravarão no século XXI (já Paul Kennedy destaca a urbanização como o verdadeiro desafio nos países em desenvolvimento nos próximos 15 a 35 anos³⁹), terão ainda o incremento do factor humano como “fonte de receitas” da criminalidade organizada. As mafias que controlam as redes de prostituição feminina e infantil, as redes de imigração ilegal, o tráfico de crianças para adopção e o comércio de órgãos humanos, têm aqui melhores condições de propagação. Outra questão recente respeita às cidades superpovoadas dos Sul, as quais, nos últimos anos, têm funcionado como campos de batalha, nos quais as “guerras civis se tornam cada vez mais em guerras de civis”. A sua continuidade é um facto previsível, a par do

37 Actualmente, cerca de 600 milhões das pessoas mais pobres do Mundo vivem em cidades. É o caso de 60% dos habitantes de Calcutá e de 64% dos de Guatemala (50.000 em Londres e 10.000 em Paris).

38 Ver Teoria das Relações Internacionais.

39 Ver Desafios para o Século XXI, p.42.

favorecimento da utilização de armas químicas, as “armas nucleares dos pobres”.

Assim, as grandes cidades continuarão a ser o palco preferido das minorias (fruto da contradição entre a actual solidariedade e o não reconhecimento dos povos a um território), para, mais protegidas, usarem a acção terrorista como último recurso no sentido de manifestarem o seu desagrado, em local onde sabem que a probabilidade de serem detetadas é muito mais baixa.

O crescendo das polícias e a redefinição das suas missões, será um facto nos próximos anos, do mesmo modo que imperará uma lógica de cooperação internacional, que diminuirá necessariamente a soberania dos Estados e contribuirá para novos conceitos de fronteira, a bem da comunidade internacional.

CIDADES	POPULAÇÃO 1995 (Milhões)	CIDADES	POPULAÇÃO
Tóquio	26.959	Tóquio	28.887
México	16.562	Bombaim	26.218
São Paulo	16.4	São Paulo	25
Nova York	16.332	Dhaka	19.426
Bombaim	15.138	Karachi	19.377
Osaka	14.060	México	19.180
Xangai	13.584	Rio de Janeiro	19
Los Angeles	13.4	Xangai	17.969
Calcutá	12	Nova York	17.602
Buenos Aires	11.802	Calcutá	16
...Lisboa	1,863	Lisboa	2,271

Figura 2 – As 10 maiores cidades do mundo em 1995-2015 (Fonte: ONU)

As políticas demográficas que foram aconselhadas no Cairo visavam que os Estados motivassem as suas populações para as cidades menores ou para o campo. Aqui, o papel da Estratégia “preventiva” é mais ao nível da luta contra as consequências, no âmbito da cooperação

entre as polícias dos diferentes Estados e, em especial, no reforço das acções anti-terroristas.

O crescimento global, por não ser uniforme, origina, por outro lado, crescimentos diferenciados em diferentes regiões do globo, que levam, inevitavelmente, a disputas pelo espaço e pelos bens, num **Desequilíbrio Demográfico** perfeitamente materializável entre os países industrializados, em geral do Norte, e os países em desenvolvimento ou menos desenvolvidos⁴⁰, em geral do Sul.

Os países do Sul que, de 1998 a 2025, serão responsáveis por cerca de 95% do aumento populacional, passarão para uma relação de 8/1, em 2025, relativamente aos países ricos do Norte. O Continente Africano, que em 1950 correspondia metade da população europeia, igualou a deste Continente em 1985 (cerca de 480 milhões), prevendo-se que, por volta do ano 2025, seja duas vezes superior (1.45 biliões para 701 milhões⁴¹), alterando significativamente o mapa demográfico mundial, com naturais consequências em termos das relações de poder entre continentes e países (figura 3).

Por outro lado, o IDH⁴² coloca de novo nos dez últimos países do Mundo, 10 países africanos, e nos 10 primeiros, outros tantos países industrializados do Norte, situação que agravará, pelo menos no início do próximo século, os fluxos demográficos Sul-Norte, dado que 1/5 dos países controla cerca de 85% da riqueza, enquanto que 3/5, correspondentes aos mais pobres, não controlam mais do que 5% da riqueza mundial⁴³.

Este cenário, de uma explosão populacional num dos lados do globo e uma explosão tecnológica no outro (figura 4), não constitui uma boa receita para a estabilidade da ordem internacional do século XXI. Esperemos que as palavras do presidente Boumedienne, quando, a este propósito, afirmava que **“um dia, milhões de homens originários das regiões pobres do Sul avançarão pelos espaços acessíveis do Norte, à procura da sobrevivência... e estes milhões de homens**

40 Reconhecidos pelas NU como países de rendimento baixo e que defrontam obstáculos de longo prazo ao crescimento económico, em particular níveis baixos de recursos humanos para o desenvolvimento humano e fraquezas estruturais graves.

41 E não fora a implosão da URSS e os dados reais corresponderiam ao triplo (Europa com pouco mais de 500 milhões). Ver Nações Unidas, A Situação da População Mundial em 1998, pg 67 a 74.

42 Indicador do desenvolvimento humano, medido através da esperança de vida, nível educacional e rendimento ajustado.

43 Bassma, Kodmani-Darwish, Au-Delà de la Conférence do Caire, p. 633.

não irão como amigos⁴⁴, não se venham a concretizar, pelo menos no que concerne à conflitualidade⁴⁵.

REGIÃO	1800(%)	1900	1950	1998 (%)	2025 (%)	2100
EUROPA	146(15.3)	295	392	729.4(12.3)	701,1(9)	(440)
URSS ⁴⁶	49(5)	127	180	(147.2)	(131,4)	(407)
AMÉRICA Norte	5(0.5)	90	166	304.1(5.1)	369(5)	407
AMÉRICA Latina	19(2)	75	166	499.5(8.4)	689,6(9)	1075
ÁSIA	631(66)	903	1377	3588.9(60.5)	4784,8(60)	6978
ÁFRICA	102(11)	138	222	778.5(13.1)	1453,9(18)	2931
OCEANIA	2(0.2)	6	13	29.5(0.5)	40,7(0,5)	41
TOTAL	954	1634	1516	5929,8	8039,1	11186

Figura 3 – Evolução da População (e %) por Continentes entre 1800 e 2100

(Fonte: FNUAP 98 e José Nazareth, Introdução à Demografia, p.40)

Para este e para os restantes problemas globais decorrentes da evolução demográfica o século XXI terá de encontrar soluções globais, como tem sabido fazer neste final do século XX.

No entanto, e tendo por base os dados das NU, é de prever que as migrações aumentem durante o século XXI, ao longo de uma linha, que passaremos a denominar do **Desequilíbrio Demográfico**, entre o Norte, rico mas velho, e o Sul, pobre mas jovem⁴⁷, materializada⁴⁸:

⁴⁴ Jean Claude Chesnais. "Histoire et avenir des mouvements des populations", *Politique Étrangère*, p. 104.

⁴⁵ Vários autores entendem que a actual pressão migratória dos países subdesenvolvidos do Sul em relação ao Norte é comparável às investidas realizadas pelos povos bárbaros contra o Império Romano, desde o século III d.C. até ao século V d.C.. A este respeito, é aconselhável a leitura do livro *L'Empire et les nouveaux barbares*, de Jean-Cristophe Rufin.

⁴⁶ A partir de 1998, os Estados que sucederam à URSS estão agrupados nas regiões existentes. O Leste Europeu inclui o Belarus, a Federação Russa, a Moldávia e a Ucrânia. A Ásia inclui a Arménia, o Azerbaijão e a Geórgia. A Ásia Centro-Meridional inclui o Cazaquistão, o Quirguizistão, o Tajiquistão, o Turcomenistão e o Uzbequistão. Entre parêntesis mantêm-se os valores da Federação Russa, como referência.

⁴⁷ Não esquecendo, apesar da sua menor dimensão, os fluxos Norte-Norte (ex: Europa de Leste-Europa Ocidental), bem como os fluxos Sul-Sul (ex: países pobres da África Austral-África do Sul).

⁴⁸ Jean Claude Chesnais. Op. Cit., p. 652.

- Na fronteira natural do Rio Grande, que separa a América do Norte, mais rica, da América Latina, relativamente pobre e com taxas de natalidade elevadas;
- Na zona do Pacífico, o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia, contrastando com os vastos territórios superpovoados da Índia e dos países asiáticos a Sul da China e da Federação Russa (menos acentuado pela insularidade do Japão);
- No Mediterrâneo, que separa a Europa rica, com as suas populações envelhecidas, do Norte de África, do Médio Oriente e da Ásia, com a sua instabilidade política e económica e a sua explosão demográfica, de longe o desequilíbrio mais acentuado.

	<15 anos	>65 anos	Mort Inf	EspVida	Pop 1998	Pop 2025	PIB/Cap
Total Mundial	30	6.8	57	63.4/67.7	5.929	8.039	3417
Países mais Desenvolvidos	18.3	14.2	9	70.6/78.4	1.181	1.220	12764
Regiões pouco desenvolvidas	32.5	5	62	62.1/65.2	4.748	6.818	867
Regiões menos desenvolvidas	42.6	3	100	50.9/53.0	626	1.159	233

Figura 4 – Desequilíbrios Demográficos entre o Sul e o Norte
(Fontes: L'Etat du Monde 1998; Relatório FNUAP 98)

2. O Sul – Pobre mas Jovem

Os Países em desenvolvimento, que representam cerca de 80% da população mundial, continuam a apresentar taxas de crescimento anual médio de 2% (no Ruanda a taxa de fecundidade é de 8,5 filhos por mulher!), valores elevados da taxa de mortalidade infantil (superiores a 62/1000), elevados índices de analfabetismo, 40 % de jovens, 3% de idosos e um PIB per capita, que raramente ultrapassa os 1000 dólares.

A percentagem elevadíssima de jovens, é derivada à elevada fecundidade dos últimos 25 anos, prevendo-se, para as próximas duas décadas, um “fluxo” temporário de população em idade de trabalhar, que aumentará muito mais do que os grupos constituídos pelos dependentes idosos e jovens. Este “bónus demográfico”, segundo as NU, dá aos países a oportunidade de acumularem capital humano e incentivarem o desenvolvimento a longo prazo, se investirem na edu-

cação, no emprego e nos serviços de saúde (tal como no Leste Asiático até meados de 1990 – com os Dragões do Oriente – agora Gatinhos!)⁴⁹.

Se associarmos o “excesso populacional” (em relação aos recursos e à capacidade tecnológica) aos baixos IDH, constatamos que, no século XXI, a Demografia continuará a provocar disputas pelos recursos, o exacerbar de tensões étnicas e a instabilidade social, factos que levarão à continuidade da explosão demográfica em direcção ao Norte. Estes conflitos e guerras, salvo melhor opinião, não serão necessariamente provocados para eliminar o excesso de população, mas derivam do mesmo, em associação com outros factores, tais como as divisões étnicas, religiosas e raciais e a irracionalidade das lutas pelo poder.

Se a nova geração de jovens do Sul não for orientada nos moldes preconizados pelas NU, pode tornar-se numa força perturbadora a nível interno e externo:

- A nível interno, pela conflitualidade social que pode degenerar em guerras internas, em função do desequilíbrio económico, do desemprego, da fome e da miséria.
- A nível externo, pelo eventual aproveitamento dos governos para satisfazerem políticas expansionistas, ou decorrentes de fluxos demográficos, na busca de uma vida melhor em direcção ao Norte ou aos países mais ricos ou mais estáveis politicamente, quer como refugiados (constituem – 27,4 milhões em 1995 – um risco real da extensão de crises locais, desestabilizando os países de acolhimento, e contornando involuntariamente as Estratégias de limitação dos conflitos que os ocidentais tentam impor)⁵⁰, quer como emigrantes.

⁴⁹ Ver NU, *A Situação da População Mundial em 1998*, pg. 14-15.

⁵⁰ Cerca de 20.000 Chiitas ou Curdos ficaram afastados das suas terras após a guerra do Golfo; em África, 250.000 refugiados do Ruanda, sobre um total de 2 milhões de pessoas, passaram a fronteira da Tanzânia num dia e milhares de outros foram para o Burundi; um milhão de pessoas fugiram da Somália, em consequência da guerra civil. Todas estas situações aumentam a fragilidade das fronteiras nacionais, o que faz com que os conflitos regionais possam estender-se rapidamente e sem controlo do Estado. Daí o empenhamento de todos, desde os Estados, às Organizações Internacionais, às organizações privadas, até ao núcleo básico da sociedade, a família.

As **migrações**, que apresentam para os países de partida mais vantagens do que desvantagens, levam a que a maioria destes países sejam coniventes com as acções da população. As consequências traduzem-se na melhoria da sua situação económica, reduzindo a relação população/recursos e recebendo elevados dividendos económicos (poupança, investimento e divisas) dos seus emigrantes, na maior facilidade de comércio com o exterior, na criação de grupos de pressão nos países economicamente desenvolvidos e em mais pontos de apoio de relações entre os dois países. A desorganização do tecido económico, o desperdício de capital económico, a perda de capacidade de trabalho e a transferência de ideias, de competências e de tecnologia em favor dos países de partida, são, normalmente, descuradas pelas consequências a médio e longo prazo. No entanto, é necessário ter em atenção o fenómeno transnacional em si, pois, relativamente aos imigrantes ilegais que atravessam regularmente o Mediterrâneo "nada os detém: nem o medo da morte, nem o risco de serem presos e devolvidos aos países de origem, pois a alternativa é o desemprego, a fome, a miséria e a morte antecipada".

Segundo Bouthoul, mais jovens significa mais delinquência, mais criminalidade, mais inquietação, mais agressividade e maior probabilidade de haver guerra. Estas comunidades, na sua luta pela sobrevivência, normalmente sem classe média e em equilíbrio político precário, são muito vulneráveis à acção de messianismos políticos e religiosos, base fundamental para políticas expansionistas, para guerras civis e para as guerras civilizacionais de Huntington. Assim, pensamos que o crescendo das Forças Armadas, e a manutenção do sistema de conscrição, continuará a constituir a solução da maioria dos governos do Sul, no sentido de colmatarem as lacunas do desemprego e da instabilidade social, e para atingirem objectivos e aspirações políticas de carácter expansionista. A Estratégia directa e ofensiva continuará a ser a alternativa para os problemas internos, encoberta por crescentes sofismas religiosos⁵¹.

Das palavras aos actos, a distância tem sido grande, como retrata magistralmente José Saramago: "A África, onde a humanidade nasceu – desfaz-se em sangue e vísceras espezinhadas, mirra-se de fome e de miséria extrema, apodrece ao abandono, perante a impaciência mal disfarçada do mundo que continuamos a chamar de "culto e civilizado"⁵².

51 Caso de países como o Irão (513.000 militares), o Vietname (572.000), a Coreia do Norte (1.054.000) e o Paquistão (587.000).

52 in Revista Visão, "África", 13Ago98, p.98.

Se devidamente controladas, estas migrações podem também constituir um mecanismo redutor de tensões, tal como aconteceu enquanto a Europa foi um Continente de emigrantes, como que num sistema de vasos comunicantes, mas desde que não se corra o risco de um choque de civilizações do tipo descrito por Samuel Houghton⁵³. Uma solução passa pelo apoio da comunidade internacional aos países menos desenvolvidos no sentido de os ajudar a explorar o “bónus demográfico”, incentivando o desenvolvimento a longo prazo na educação, no emprego e nos serviços de saúde⁵⁴. Outra solução passa pelo assumir das entradas de emigrantes, por vezes necessárias, com o estabelecimento de cotas e o incremento de acções de cooperação Norte-Sul. É cada vez mais importante prevenir estas situações, pelo que, a Estratégia tem aqui especial acuidade.

3. O Norte – Rico mas Velho

Os países industrializados representam cerca de 20% da população mundial, um crescimento natural igual a zero, uma mortalidade infantil reduzida (inferior a 9/1000), uma baixa percentagem de jovens (menos que 18%) e elevada de idosos (aumentou de 8 para 14 %, desde 1950, e espera-se que alcance os 25% até 2050) e um PNB/capita quase vinte vezes superior ao dos países menos desenvolvidos. De acordo com os últimos dados do FNUAP, nos países desenvolvidos, e nos próximos 35 anos, os idosos aproximar-se-ão ou excederão 40% das populações de países como a Alemanha, o Japão e a Itália⁵⁵.

Este **envelhecimento da população** e as **taxas de crescimento negativas**, sinónimo de desenvolvimento, colocam os Estados em situação de relativa fraqueza⁵⁶, pois perdem mão de obra e talentos,

53 “Os principais conflitos futuros resultarão do confronto entre as civilizações”. Considera ainda que, à semelhança da Europa, os EUA estão perante uma séria ameaça à sua identidade política, representada pelos imigrantes “hispanicos e não brancos”. Ver. “The Clash of Civilizations”, Foreign Affairs, vol 72, nº3, pg 22-49.

54 A SIDA que no ano 2000 terá cerca de 40 milhões de infectados, a maioria dos quais em África e na Índia e Tailândia, poderá afectar a esperança de vida nessas regiões, em valores globais que podem atingir os 2 a 3%.

55 NU, A Situação da População Mundial em 1998, pg 11-13.

56 A este propósito, Hitler, em 1924, no seu “Mein Kampf”, reforçou a importância do envelhecimento da população francesa e a baixa considerável do seu peso relativo na Europa, destacando que a Nação francesa estava em vias de se tornar “meiga”.

sendo obrigados a investir em saúde e segurança social, com consequências ao nível do crescimento económico a médio e longo prazo.

Os primeiros efeitos do envelhecimento da população fazem-se já sentir no domínio da protecção social, principalmente no que respeita às pensões de reforma, mas também no sector da saúde. Outra questão diz respeito ao previsível futuro desequilíbrio entre pessoas activas (que de acordo com a UE poderá diminuir entre 2005 e 2015 em cerca de 2,15 milhões de pessoas) e não activas, pela consequente afectação ao financiamento, à organização da protecção social, e ao funcionamento do próprio mercado de trabalho, passando a solução por uma maior qualificação da população activa, por um maior investimento na tecnologia, por uma maior divisão do trabalho, pelo investimento em políticas de natalidade, pelo aumento da idade de reforma, por um maior empenhamento da mulher na sociedade ou mesmo por fazer apelo à imigração organizada.

É imperioso *investir na saúde e na segurança social*, sob risco de se agudizarem, no futuro próximo, conflitos sociais que para além dos idosos atingirão aqueles que prospectavam uma fase final da vida, longa e "cor-de-rosa", apesar dos encargos fiscais e outros sacrifícios que vão fazendo.

O problema dos fluxos demográficos do Sul tem suscitado e continuará a suscitar durante o século XXI, tensões acrescidas, derivadas das diferenças culturais, ao nível do racismo e da xenofobia, identificáveis nos guetos das áreas urbanas (verdadeiras linhas de desequilíbrio demográfico a nível interno), onde proliferam as disfunções sociais como a droga e a criminalidade, e também da luta pelo emprego, que levam a que os imigrantes sejam vistos como usurpadores dos postos de trabalho dos nativos. E o aumento dessas disfunções poderá estar à espreita de uma crise financeira, da recessão económica, do aumento do desemprego, ou de uma maior adesão aos valores nacionalistas, em função do cansaço das políticas liberais cada vez mais monótonas no seu discurso (vide nível de abstenção nas eleições dos países desenvolvidos).

As **migrações** em larga escala levantam a questão da falta de controlo das fronteiras nacionais e da soberania, do medo da alteração étnica, do medo de novos hábitos culturais, de novas formas de vida, de normas religiosas que invadem o património, do sistema educacional e os benefícios sociais pertencentes e pagos pelos nativos, no fundo, o

medo da maioria se tornar numa minoria. Estes receios, crescentes na Europa, têm relação directa com valores de estrangeiros, já elevados em alguns países (caso da Alemanha com 8 milhões de estrangeiros – 10% do total), que constituem verdadeiras “colónias interiores” e que podem actuar como contra-sociedades. Poderão ainda levar a que as minorias possam influenciar a própria decisão política. É o caso da possibilidade do voto dos emigrantes, que poderá criar guetos oficiais, e da decisão relativa a intervenções militares no estrangeiro, por parte de países com o peso significativo de emigrantes oriundos de um povo, etnia, religião ou raça (caso da França na Argélia ou da Alemanha na Turquia).

No caso da Europa, que já foi o “distribuidor” de emigrantes para todo o Mundo, e fruto dos níveis elevados de imigração dos últimos anos, o Islão é já a religião de 2/3 dos emigrantes não comunitários, tendo-se tornado na 2ª religião da França (7 milhões de fiéis) à frente dos protestantes e dos judeus, tal como em Itália, em Espanha, no Reino Unido, na Bélgica (Bruxelas é a capital da UE e do Islão europeu) e nos EUA. Esta alteração do mapa religioso, em função dos fluxos demográficos, poderá vir a ter repercussões imprevisíveis já no próximo século.

Tal como os europeus europeizaram o Mundo nos séculos XV a XX, poderemos assistir, no século XXI, através da “revolução demográfica”, ao “islamizar” do Mundo. No entanto, é importante que os ocidentais não busquem rapidamente na ameaça islâmica um substituto para a ameaça soviética sob pena de passar a ser de imediato explorada por extremistas nacionalistas que procurem colher dividendos políticos com discursos hostis à imigração, tal como temos assistido na África do Sul, nos EUA, na Alemanha e em França.

Portugal, como País mais periférico do centro, com cerca de 9,8 milhões de habitantes e uma diáspora de cerca de 4 milhões, viveu uma grande aceleração demográfica nas últimas décadas, de modo que apresenta, neste final de século, valores normais para um país desenvolvido (com excepção da baixa urbanização e da elevada taxa de alfabetização). Para além de um envelhecimento rápido da população, Portugal sente os efeitos dos fluxos demográficos, pois desde 1993 que passou de país de emigrantes para um país de imigrantes (a maioria de África – e dos PALOP). Com uma população agrícola abaixo dos 10% e quase 60% da população a trabalhar nos serviços, a tendência natural será para a aproximação às grandes cidades do litoral, na linha Setúbal-Braga, onde já se sente o desemprego, a violência, a insegurança, a droga, a doença, os sem abrigo, os guetos, a fome e a solidão, com destaque

para Lisboa e Porto, cujas áreas metropolitanas concentram cerca de 40% da população total. Por outro lado, em face das taxas de crescimento negativas dos últimos anos, dos cerca de 110.000 cidadãos recrutáveis (recenseados masculinos) anualmente para as Forças Armadas, nos anos 70 e 80, não temos hoje mais do que 80.000 jovens, o que, em parte, terá também contribuído para a evolução para um tipo de serviço militar semi-profissional e profissional e para a opção pelas mulheres. E a situação agravar-se-á nos próximos anos, pois as previsões para 2008 apontam para valores da ordem dos 60.000 cidadãos recenseáveis masculinos⁵⁷ e para um envelhecimento de tal maneira rápido da população portuguesa, que estaremos entre os países mais envelhecidos do Mundo, dentro de dez a quinze anos⁵⁸.

Torna-se assim, importante para Portugal, a realização de estudos de âmbito local, regional e global, no sentido de melhor defender os seus interesses e objectivos políticos. Da fronteira dos serviços, destacamos o Mediterrâneo, onde o crescimento demográfico regional até 2025 (Figura 5), da actual vantagem dos países europeus relativamente aos do Norte de África, de cerca de 23,2 milhões actuais, passará a uma desvantagem de 56,5 milhões, em apenas 27 anos. Só este dado quantitativo indicia desde logo a necessidade de Portugal, em conjunto com a UE, equacionar Políticas e Estratégias demográficas, tendo por base a redefinição das relações, no âmbito das novas fronteiras da segurança, em que a UEO e a OTAN terão também papel relevante.

O controlo dos conflitos decorrentes dos fluxos demográficos crescentes no século XXI passará pela diversidade dos fluxos e pela adopção de uma política generalizada e concertada de cotas, no sentido de se controlar a evolução da população em cada uma das regiões (Norte e Sul) e os respectivos conflitos. Aqui, o papel das políticas demográficas é fundamental, do mesmo modo que se torna crescente a necessidade de Estratégias demográficas, em face da oposição de posturas e independentemente do objectivo global que constitui o equilíbrio entre a população e os recursos e entre a protecção do ambiente e o desenvolvimento económico, do Pólo Norte ao Pólo Sul.

57 De acordo com dados da DRLisboa, os valores de cidadãos recenseados(veis) masculinos são: 1977-104.360; 1980-111.180; 1984-112.540; 1985-99.550; 1990-96.000; 1998; 87.617; 2000-77.599; 2008-60.104.

58 António Barreto, Tempo de Mudança, p.37.

É importante ter em atenção que a conflitualidade no Mediterrâneo não é só no sentido norte-sul, mas também no sentido sul-sul e mesmo leste-oeste (especialmente após a implosão da URSS)⁵⁹.

Em termos teóricos uma sociedade com pouca população e muitos idosos tem menor probabilidade de apresentar disfunções sociais e menor propensão para a guerra, em face do menor número de potenciais conscritos para as Forças Armadas e de uma menor capacidade laboral para alimentar a guerra. No final da Guerra Fria, a RFA, em função da previsão da redução em 30% dos cidadãos, em 1990, equacionou a alteração do sistema de recrutamento e do tempo de serviço militar, no sentido de garantir a eficiência da Estratégia da “defesa avançada” da OTAN.

Países	Sup (Mil Km2)	Pop (1998)	TCresc (1995-2000)	Pop (2025)	IDH (98)
Mundo	149000	5929,8	1,4	8039,1	
ÁFRICA	30335	778,5	2,6	1453,9	
Marrocos	450	28	2	39,9	125
Mauritânia	1030	2,5	2,6	6,1	149
Argélia	2381	30,2	2,3	47,3	82
Tunísia	164	9,5	1,9	13,5	83
Líbia	1759	6	3,5	12,9	64
Egipto	1001	65,7	2	95,8	112
		141,9		215,5	
EUROPA	10498	729,4	0	701,1	
França	547	58,7	0,3	60,4	2
Itália	301,1	57,2	0	51,7	21
Espanha	504,8	39,8	0,1	37,5	11
Portugal	92,1	9,8	-0,1	9,4	33
		165,5		159	

Figura 5⁶⁰ – Valores demográficos para os países do Mediterrâneo 1998-2025
(Fonte: FNUAP98 e L'État du Monde 99)

59 Ver Álvaro Vasconcelos, “As culturas no debate ideológico”, in *Janus 98*, suplemento especial, p.20-21.

60 Adaptado de *La Violence qui Vient*, de Eric de La Maisonnette, p. 99.

Esta situação tem dado, e dará origem, no século XXI, a alterações profundas no sistema de recrutamento das forças armadas dos países desenvolvidos, no tempo de prestação do serviço militar e no aumento da percentagem das mulheres na instituição militar. A solução tem passado por forças de menores dimensões, por uma profissionalização crescente, e pelo maior número de mulheres nas Forças Armadas, a que Portugal não se pode alhear.

Para os Países do Norte, o “explosor” é de alguma forma indirecto, dado que se cria um “vazio de população”, explorável pelos países contíguos com excesso populacional e com menores condições de vida. Por outro lado, pode constituir também um “explosor” directo, na medida em que estes países, no sentido de equilibrarem o seu poder, tomam, normalmente, outro tipo de opções estratégicas compensatórias, como a das armas de destruição maciça, a das alianças militares e a das intervenções militares no exterior, no âmbito de uma postura estratégica normalmente defensiva e indirecta.

E – Da importância do Estudo ou “Estratégia Demográfica”

Já Alfred Sauvy escrevia, repetidamente, nos seus artigos de opinião em vários diários franceses que, para os políticos, a temática das políticas demográficas só levava à perda de votos, pelo que, o seu estudo e reflexão continuaria a ser obra de poucos, especialmente quando a História nos diz que Malthus foi o homem mais odiado do século XVIII, mesmo mais do que Napoleão.

No entanto, contra factos não há argumentos, pelo que a evolução demográfica prevista pelas NU constitui um desafio à comunidade internacional e às estruturas tradicionais do poder, no sentido de lidarem com os grandes fluxos demográficos, as taxas de fertilidade abaixo do nível de substituição, as ameaças globais, etc.. Assim, as políticas demográficas ao nível da mortalidade, da natalidade e dos movimentos demográficos, serão, cada vez mais, em maior número e de maior importância, como o prova o relatório da última conferência do Cairo, onde os 179 delegados participantes e os 7 observadores da conferência oficial, subscreveram um conjunto de

recomendações orientadoras dos futuros programas políticos em matéria de população com uma dimensão social global, das quais destacamos: os alertas para a eliminação de todas as formas de violência de que as mulheres são vítimas; que os países que recebem emigrantes lhes ofereçam serviços de saúde e de protecção social condignos; que os Estados protejam os direitos das minorias; que os países adoptem Estratégias que favoreçam o crescimento das pequenas e médias aglomerações urbanas, bem como das regiões rurais; para que os governos estudem as causas profundas das migrações para cooperarem entre si no sentido de melhorarem a integração e combaterem a xenofobia e o racismo.

Para uma unidade política, o objectivo teórico de qualquer política demográfica consiste na orientação da natalidade, da mortalidade e dos movimentos migratórios, tendo em atenção determinados objectivos económicos ou sociais. A China constitui o caso mais recente de sucesso da aplicação destas políticas, onde, apesar da combinação dos meios coercitivos de pressão social com a distribuição maciça de meios de contracepção, os resultados constituem um sinal de esperança para o resto da humanidade.

No entanto, ao serem planeadas e executadas, algumas políticas demográficas provocam a hostilidade de outras unidades políticas ou coligações, altura em que Estratégia passa a ter papel de destaque em apoio da Política:

- Foi o caso da URSS, que em plena Guerra Fria, dispersou a sua população, tentando diminuir a taxa de urbanização, mas especialmente desenvolvendo acções de Estratégia demográfica em oposição à Estratégia de dissuasão nuclear dos EUA;
- São os casos das mutações demográficas na Bósnia, no Saará Ocidental, no Tibete, em Timor, no Ruanda e Burundi, com deslocações premeditadas de populações;
- São as acções desenvolvidas pela UE com os acordos de Shengen, ou pelos EUA, com as cotas de entrada de emigrantes.
- É a situação do Kosovo, sob governo sérvio mas com mais de 80% da população de origem albanesa (a minoria transformou-se em maioria);
- É a situação do povo Curdo relativamente ao Irão, Iraque, Síria, Turquia e Arménia.

Os Estados continuarão a influenciar a dinâmica demográfica, através de políticas, o que, a par da influência determinante exercida pelo factor demográfico no potencial estratégico dos países, implica que a Estratégia passe a dar maior atenção aos problemas decorrentes daquela dinâmica (a ausência de Estratégia é ausência de visão!).

Assim, a prospectiva da Demografia e da Estratégia para o século XXI, num mundo de grande instabilidade política e social, onde velhos conflitos (xenofobia, racismo, terrorismo...) decorrentes da alteração da estrutura demográfica, eclodirão, e onde as guerras da terceira vaga da informação de Alvin Tofler coabitam com as das vagas agrárias e industriais, indicia uma maior importância da população relativamente a outros factores de poder e uma postura crescente de prevenção por parte da Estratégia como ciência e arte de apoio à política. É o caso do novo conceito estratégico da NATO, que será aprovado na cimeira de Washington em Abril 1999 (50 anos), onde vários países defendem já a inclusão da imigração, a par das armas de destruição maciça e do terrorismo, na listagem das ameaças.

Com situações complexas e multiformes, num mundo em que é importante encontrar uma nova dissuasão credível para os países pobres, a Estratégia necessita de maior previsão para a percepção da ameaça e determinação das forças indispensáveis. Sendo a "Estratégia da Prevenção" do General Maisonneuve⁶¹, cada vez mais importante e concorrente com a política, e havendo uma importância crescente do factor tempo, existe a necessidade do estabelecimento de novos tipos de forças, para novos tipos de acções e conflitos, em três vertentes diferenciadas, a saber:

- o corpo do Estado, com um investimento forte em termos de segurança interna, no sentido de fazer face aos novos (velhos) conflitos internos, mais transnacionais e com o apoio de acções de cooperação entre polícias internacionais;
- o braço curto do Estado, com uma maior capacidade de mobilização e a constituição de um dissuasor mínimo credível para defesa das fronteiras físicas;
- o braço longo do Estado, para projecção de poder e de segurança, com forças ligeiras, móveis, versáteis, mais fortes tecnologicamente, mais profissionais e com elevado grau de prontos-

61 Ver La Violence qui Vient, Paris, 1997.

dão, para intervenção no âmbito da crescente Segurança Colectiva (ou da Segurança Global Negociada do General Misonneuve).

Os conceitos serão então progressivamente alterados, da projecção de poder para a projecção de segurança, sendo, por consequência, importante a reavaliação da função do soldado, o qual passa a não deter o monopólio da matriz da violência, mas a necessitar, cada vez mais, de “pensar a guerra, lutar contra a guerra e saber fazer a guerra”.

Será o tempo de passarmos a uma Estratégia de acção em vez da de reacção, em função das ameaças e dos meios disponíveis. Como destaca Misonneuve, “tudo se joga desde o primeiro instante, pelo que a antecipação é a palavra chave, ou seja, ter sempre avanço sobre os adversários potenciais em todos os domínios da acção, numa atmosfera de crise geral onde todos os parâmetros são instáveis”⁶².

Considerando a evolução demográfica no século XXI, é previsível o seu contributo ao nível da mutação do próprio conceito de Estratégia (a par de outros factores) a três níveis diferentes (mas que aqui não desenvolveremos em pormenor): maior dificuldade no enquadramento superior, decorrente dos fluxos (Quem dirige quem?); na alteração do jogo estratégico (meios-objectivos-ameaças) pelo aparecimento de novos desafios e ameaças, multifacetados e de difícil identificação (Contra Quem?); pelo aumento do valor da vida humana, que, associado ao poder dos média, será um influenciador da tomada de decisões políticas e das modalidades de acção estratégica.

O futuro implicará, assim, mais reflexão estratégica, mais espírito estratégico a todos os níveis e uma melhor e mais cuidada formação de líderes.

Ao nível do apoio às necessárias e crescentes políticas demográficas, o século XXI implicará, para além do reforço dos mecanismos institucionais, a necessidade da individualização e sistematização de uma Estratégia Demográfica, ao nível das Estratégias gerais de Beaufre (a par da Estratégia militar, da política, da psicológica e da económica), no sentido de melhor e mais atempadamente se prever o futuro e apoiar a Política. O alargamento da Demografia a campos tão vastos como a ecologia humana e a política demográfica, pode, neste âmbito, ser extensivo à Estratégia Demográfica. Com base na missão definida pela Estratégia Integral (de Poirier), caberia à **Estratégia Demográfica** repartir e combinar tarefas

62 Ver *La Violence qui Vient*, p. 216.

que deveriam ser levadas a efeito nos diversos ramos de actividade do domínio considerado e assegurar a sua execução. Poderia ser definida como a **arte e ciência de desenvolver e utilizar o factor humano, com vista à execução dos objectivos fixados pela Política, que sejam potenciais ou efectivos geradores de conflitualidade.**

O seu estudo poderá levar a que se prevejam, com maior antecipação, “acções demográficas” tendentes a “usar” o factor humano. Poderá ainda salvaguardar melhor os direitos do homem, as minorias, os Estados “menores” do sistema político internacional, o carácter multicivilacional da política global do Séc. XXI.

Assim, ao nível da concepção e da direcção da Política de Defesa Nacional, e no que respeita aos Conceitos Estratégicos de Defesa Nacional⁶³, é crescente a necessidade do apoio de uma visão estratégica da evolução demográfica, pois os choques de opinião entre Estados ou entre Blocos com características demográficas diferentes, aumentarão no que concerne às políticas a adoptar no século XXI.

F – Conclusões

1. Apesar do equilíbrio de poderes previsto por Kissinger, num elevado ritmo e complexidade das forças de mudança, o principal desafio do século XXI – aumento da população em cerca de 80 milhões de pessoas por ano e cerca de 9,4 biliões de pessoas em 2050, mais urbanas, mais instruídas, com maiores diferenças entre ricos e pobres, mais abertas ao mundo e conscientes dos problemas ambientais, e mais habituadas às trocas entre civilizações – estará em saber usar “o poder da tecnologia” para antever e satisfazer as exigências apresentadas pelo novo “poder demográfico”. Pensamos que, mais uma vez, mas agora no século XXI, o pessimismo de Malthus será ultrapassado pela capacidade do Homem.

63 Seria o caso, do apoio aos conceitos de acção de política externa (reforço do papel das comunidades no estrangeiro, diálogo e cooperação com os países de choque demográfico...), de política interna (educação e cultura, economia e finanças, indústria e energia) e militar (postura estratégica e tipo de serviço militar).

2. Os cenários previstos para o século XXI, consubstanciados em novos mapas geopolíticos e demográficos, na generalização das armas de destruição maciça, e no aumento dos conflitos decorrentes dos movimentos migratórios, indiciam que a Demografia, como instrumento da Política e da Estratégia, aumentará a sua importância como factor de poder.

3. A instabilidade e a violência no Mundo, do mesmo modo que não devem ser atribuídas exclusivamente à causa demográfica, não podem ser separadas da evolução demográfica. Se ao nível das “ameaças globais” existe um esforço concertado da comunidade internacional, ao nível dos grandes blocos Norte e Sul, num mundo de equilíbrio de poderes tipo século XVIII, e mesmo ao nível das diferentes unidades políticas, a evolução demográfica constituirá uma “espoleta” de conflitos (infra e supra nacionais e cada vez mais transnacionais) e um autêntico “explosor” da Estratégia. Este explosor terá especial incidência ao longo da linha do **Desequilíbrio Demográfico** que representa a fronteira demográfica entre dois estádios de desenvolvimento, e em que a solução para os conflitos passará por um sistema de vasos comunicantes assente na cooperação entre as partes com o necessário espírito multicivilizacional e no desenvolvimento integrado.

4. Portugal, como um dos países privilegiados do Norte, apresentará, no entanto, características particulares decorrentes da alteração da importância da sua posição geopolítica, da grande dimensão das suas comunidades no estrangeiro e da elevada aceleração do seu desenvolvimento demográfico (em especial o seu rápido envelhecimento), fenómenos que deverão ser equacionados em estudos de âmbito local, regional ou global, no sentido de melhor salvaguardar os objectivos políticos nacionais.

5. O século XXI será, então, dominado pela “Estratégia da Previsão”, e pela necessidade crescente do estudo da “Estratégia Demográfica”, no sentido de melhor interpretar as crescentes e diferentes “Políticas Demográficas. Mas a busca do equilíbrio entre a população e os recursos e entre a protecção do ambiente e o desenvolvimento económico continuará a ser uma Missão Global, um desafio permanente para todos os actores das relações internacionais, desde o Estado ao Indivíduo, a bem de um mundo melhor para os nossos filhos e netos, verdadeiros

actores do século XXI, e a quem, neste lugar privilegiado, “onde a terra acaba e o mar começa”, e de sonhadores activos, continuamos a ensinar as palavras do primeiro livro da Bíblia, o Génesis, escrito por Moisés: E CRIOU DEUS O HOMEM À SUA IMAGEM... E DISSE... CRESCEI E MULTIPLICAÍ-VOS...E ENCHEI A TERRA, E SUJEITAI-A.

Bibliografia

AAVV, Eurostat, Statistiques Démographiques 1997, Bélgica, 1997.

AAVV, IANUS 98: As Forças Armadas Portuguesas no novo contexto internacional, Público e UAL, Lisboa, 20Set98.

AAVV, L'Etat du Monde, La decouverte, Paris, 1998 e 1999.

ARON, Raymond, Paz e Guerra entre as Nações, 2ª Ed., Editora Universidade de Brasília, 1986, 928p.

BADIE, Bertrand, SMOUTS, Marie-Claude, Le retournement du monde. Sociologie de la scène internationale, Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques & Dalloz, 1992.

BADIE, Bertrand, WIHTOL DE WENDEN, Catherine de (sous la direction de), Le deficit migratoire. Questions de relations internationales, Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1994.

BARATA, Óscar Soares, Introdução à Demografia, AEISCSP, Lisboa.

BARATA, Óscar Soares, “A nova geopolítica demográfica”, in Anais do ISNG, nº 10, Nov1956. pp.11-29.

BARATA, Óscar Soares, “A conferência do Cairo sobre população e desenvolvimento”, in Conjuntura Internacional, ISCSP, Lisboa, 1996, Pp 374-429.

BARRETO, António, Tempo de Mudança, 2ª Ed., Relógio D'Água Editores, Lisboa, Fev97.

BARDET, Jean-Pierre e DUPÂQUIER, Jaques, Histoire des Populations de L'Europe, Vol II, Fayard, 1998.

- BASSMA, Kodmani-Darwish, "Au-delà de la Conférence du Caire", Politique Étrangère, nº3/94, Automne 94, IFRI, Pp 631-634.
- BINNENDIJK, Hans e CLAWSON, Patrick, "New Strategic Priorities", The Washington Quarterly, Vol 18, Nº2, Cambridge, 1995.
- BLUM, Alain, "Pertes Démographiques et enjeu de la population dans l'Histoire Soviétique", Stratégique, 4/92, nº56, FEDN, Paris, Pp 193 a 211.
- BONIFACE, Pascal, Atlas des Relations Internationales, IRIS, Paris, Set1993.
- BORGES, João J. B. Vieira, O Factor Demográfico e a Estratégia, Trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Estratégia ministrado no ISCSP, sob orientação do General Cabral Couto, Jun95.
- BORGES, João J. B. Vieira, A importância das comunidades portuguesas no estrangeiro para a grande Estratégia nacional, Trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Estratégia ministrado no ISCSP, sob a orientação do Comandante Virgílio de Carvalho, Jun95.
- BOUTHOU, Gaston, O Fenómeno Guerra, Estúdios Cor, Lisboa, 1966
- BRAS. Hervé Le, Os Limites do Planeta: Mitos da Natureza e da População, Instituto Piaget. Lisboa, 1995.
- CHALIAND, Gérard, Anthologie Mondiale de la Strategie, Bouquins, Paris, 1990.
- CHALIAND, Gérard, Atlas Strategique, Editions Complexe, Paris, 1994.
- CHARNAY, Jean-Paul, "Alternances démographiques et industrielles dans les luttes émancipatrices", Strategie, Jun67, nº12, Paris, Pp 7 a 35.
- CHESNAIS, Jean-Claude, Le crépuscule de L'Occident. Démographie et Politique, Robert Laffont. Paris, 1995.
- CHESNAIS, Jean-Claude, "Histoire et Avenir des Mouvements des Populations", Politique Étrangère, Automne 94, Nº3/94.
- CHESNAIS, Jean-Claude, "Perspectives Demographiques", Defense Nationale, Paris, Comite d'Etudes de Defense Nationale, 45ªannee, Mar1989, pp. 15-21.
- CHOUCRI, Nazli, Population Dynamics and International Violence, Lexington Books, 1974.

- COMISSÃO EUROPEIA, Relatório Demográfico 1997, Luxemburgo, 1998.
- CORSINI, Carlo A., The Decline of Infant and Child Mortality. Martins Nijhoff Publishers, UNICEF, 1997.
- COUTO, Abel Cabral, Elementos de Estratégia, Vol I, Ed. IAEM, Lisboa, 1988.
- DUMONT, Gérard-François, "Démographie et géopolitique". Défense Nationale, Abr93, 49º ano, Paris, Pp 37 a 55.
- DUMONT, Gérard-François, "La Population Mondiale au XX siècle", Défense Nationale, Abr93, 49º ano, Paris, Pp 19 a 37.
- EBERSTADT, N., "Population Change and Nations Security", Foreign Affairs, 1991.
- FERNANDES, António Horta, O Homo strategicus, Edições Cosmos, IDN, Lisboa, 1998.
- FOSTER, Gregory D., "Global Demographic Trends to the Year 2010: Implications for US Security", The Washington Quarterly. Vol 12, Nº2, Spring 1989.
- FREEDMAN, Lawrence, Population Change and European Security, John Saunders, Brassey, 1991.
- FUKUYAMA, Francis, O fim da História e o Último Homem. Gradiva, Lisboa, 1992.
- GODET, Michael, Manual de Prospectiva Estratégica, Dom Quixote, Lisboa, 1993.
- HAMILTON, Kimberly A. e HOLDER, Kate, "International Migration and Foreign Policy", The Washington Quarterly, Vol 14, Nº2, Spring 1991.
- HOROWITZ, Irving Louis, "Human Resources and Military Power", Armed Forces and Society, Vol 12, nº 2, Winter, 1986.
- HUNTINGTON, S., "The Clash of Civilizations", Foreign Affairs, vol 72, nº3, Summer93, Pp 22-49.
- HUNTINGTON, S., O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial, Gradiva, Lisboa, 1999.
- IDN, Segurança Europeia e Mundial: Alguns reflexos para Portugal, Edição da Revista Nação e Defesa, Lisboa, 1994.
- IFRI, Ramses 95-98, Paris, JUL94-97.

- INE, Estatísticas Demográficas, Lisboa, Portugal, 1997.
- KENNEDY, Paul, Desafios para o Século XXI, 2 vols, Publicações Europa-América, Col Estudos e Documentos, nº 275 e 276, Mem Martins, 1994.
- KISSINGER, Henry, Diplomacia, 1ª Edição, Gradiva. Lisboa, Mar 1996.
- LABAKI, Georges, "Stratégie et Démographie au Moyen-Orient", Stratégique, 4/92, nº56, FEDN, Paris, Pp 211 a 221.
- LELLOUCHE, Pierre, Le Nouveau Monde: De L'ordre de Yalta au désordre des nations, Paris, Grasset, 1992.
- LOESCHER, Gil, "Les mouvements des refugies dans l'après-guerre froide", in Politique Étrangere, nº 3, 1994.
- MAISONNEUVE, Eric de La, La Violence qui Vient. Arléa, Paris, 1997.
- MALTHUS, Thomas, Ensaio sobre o princípio da população, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1980.
- MNE, Acordo de Schengen, Europress, Lisboa, 1997.
- MONTENAY, Yves, "Les politiques de natalité dans le Tiers Monde", Défense Nationale, Abr93, 49º ano, Paris, Pp 55 a 67.
- MOREIRA, Adriano, Ciência Política, reimp., Coimbra. Livraria Almedina, 1992.
- MOREIRA, Adriano, Teoria das Relações Internacionais. Livraria Almedina, Coimbra, 1996.
- NAÇÕES UNIDAS, A Situação da População Mundial em 1998, FNUAP, New York, 2Set1998.
- NAÇÕES UNIDAS, Relatório do Desenvolvimento Humano 1998, Trinova Editora, Lisboa, 1998.
- NAZARETH, J. Manuel, Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa, Editorial Presença, Lisboa, 1988.
- NAZARETH, J. Manuel, Introdução à Demografia, Fundamentos, Editorial Presença, Lisboa, 1996.
- PAPDEMETRIOU, Demetrios, "Les effects des migrations internationales sur les pays d'accueil, les pays d'origine et les emmmigrants", Politique Étrangère, nº 3, 1994.

- PETERSON, Peter, "The Global Aging Crisis", Foreign Affairs, Jan/
/Fev99, Vol. 78, N.º 1, New York.
- SALT, John, Emigration and Population Change in Europe, United
Nations, 1993.
- SARKESIAN, Sam C., "The Demographic Component of Strategy",
Survival, Nov/Dez87, Pp 547 a 564.
- RUFIN, Jean-Christophe, L'Empire et les nouveaux barbares, Paris,
Éditions Jean-Claude Lattés, 1991.
- SANTOS, José Loureiro dos, "Protagonismo da ONU na Segurança
Mundial", in Segurança Europeia e Mundial: Alguns Reflexos para
Portugal, Seminário (1994), IDN, Lisboa, 1995.
- SANTOS, José Loureiro dos, "A Situação Internacional", Nação e Defesa,
nº67, 1993.
- SANTOS, Major Pereira dos, "O Factor Demográfico e a Estratégia",
Boletim do IAEM, nº 43, Pedrouços, Pp 67-124, 21Nov1997.
- TAPINOS, George e Phyllis T. PIOTROW, Six Billion People: Demographic
Dilemmas and World Politics, New York, McGraw-Hill, 1978.